



**UNIVERSIDADE TIRADENTES**  
**GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**FLÁVIA TAYNAR MESSIAS SANTOS**  
**LAUANA PEREIRA DE AMORIM**

**UNIVERSO SUICIDA: UMA NOVA PERSPECTIVA BASEADA NA  
INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA VIDA DO POTENCIAL SUICIDA**

**Aracaju, 2018**

FLÁVIA TAYNAR MESSIAS SANTOS

LAUANA PEREIRA DE AMORIM

UNIVERSO SUICIDA: UMA NOVA PERSPECTIVA BASEADA NA  
INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA VIDA DO POTENCIAL SUICIDA

Trabalho de conclusão de curso apresentado para avaliação da disciplina TCC II, aos professores do curso de psicologia, da Universidade Tiradentes, como parte dos requisitos para a obtenção da graduação no referido curso.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Angelica de Fátima Piovesan.

ARACAJU  
2018

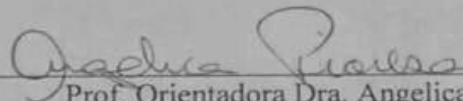
FLÁVIA TAYNAR MESSIAS SANTOS  
LAUANA PEREIRA DE AMORIM

UNIVERSO SUICIDA: UMA NOVA PERSPECTIVA BASEADA NA  
INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA VIDA DO POTENCIAL SUICIDA

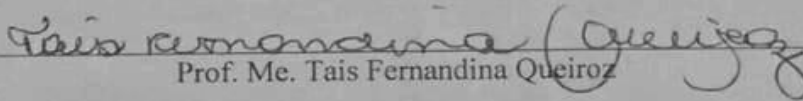
Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Tiradentes  
como requisito parcial para obtenção do  
grau de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em: 29 / 11 / 2018

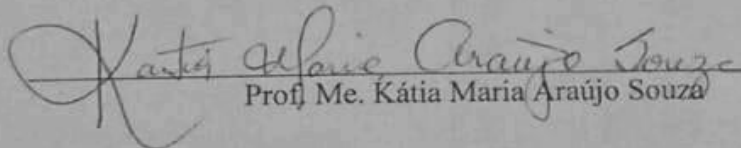
Banca Examinadora



Prof. Orientadora Dra. Angelica de Fátima Piovesan  
UNIT. UNIVERSIDADE TIRADENTES



Prof. Me. Tais Fernandina Queiroz



Prof. Me. Kátia Maria Araújo Souza

Aracaju, Novembro de 2018

# UNIVERSO SUICIDA: UMA NOVA PERSPECTIVA BASEADA NA INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA VIDA DO POTENCIAL SUICIDA

Lauana Amorim de Pereira<sup>1</sup>  
Flávia Taynar Messias Santos<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo geral da pesquisa é identificar os motivos que levam os indivíduos, com potencial suicida, a não buscarem ajuda. Nos objetivos específicos buscou identificar se as crenças religiosas auxiliam na prevenção do ato suicida, e se os indivíduos que tentaram suicídio sofreram algum tipo de julgamento ao buscarem ajuda. Com alunos do curso de Psicologia da Universidade Tiradentes participaram da pesquisa de forma voluntária, dentre esses apenas 23 pertencem ao público alvo, que são indivíduos com potencial suicida. A pesquisa foi realizada por meio de um questionário online que foi enviado ao público mediante a plataforma Google Docs. Foi utilizado o método quantitativo e a Análise de Conteúdo Bardin. Apresentando um levantamento de dados que contribuem para análise e compreensão do impacto da religião em indivíduos com potencial suicida, e como a construção social de crenças religiosas interfere nas visões existentes sobre o suicídio. Levantando a discussão sobre até que ponto se permite que essas crenças religiosas interfiram quando o assunto é suicídio, mostrando de que forma a construção social de crenças religiosas interferem nas visões e no significado que é dado ao ato suicida, mostrando que os valores culturais são influenciados pela religião e que há dificuldade dos grupos se absterem da influência religiosa no que se propõe ao suicídio. Identificando que a religião não auxilia que potenciais suicidas busquem por ajuda, dessa forma compreende-se que as crenças religiosas não são efetivas na prevenção do ato suicida e que potenciais suicidas sofrem julgamentos.

**Palavras-chave:** Psicologia, Religião, Suicídio.

## ABSTRACT

The main purpose of this study is to understand how religion helps individuals who have attempted suicide to seek help. In the specific objectives it sought to identify whether religious beliefs aid in the prevention of suicide, and whether individuals who attempted suicide underwent some kind of judgment in seeking help. A hundred students from the Psychology course of Universidad Tiradentes participated voluntarily in the research, of which only 23 belong to the target group, who are individuals with suicidal potential. The research was conducted through an online questionnaire that was sent to the public through

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Psicologia -Universidade Tiradentes - Aracaju / SE - <http://lattes.cnpq.br/5666494351799808>

<sup>2</sup>Graduanda do Curso de Psicologia -Universidade Tiradentes -Aracaju / SE - <http://lattes.cnpq.br/4249488613926279>

the Google Docs platform. To get to the results the quantitative method and the Bardin Content Analysis were used. Presenting a survey of data that contribute to the analysis and understanding of the impact of religion on individuals with suicidal potential, and how the social construction of religious beliefs interferes with existing views on suicide. Raising the discussion about the extent to which these religious beliefs are allowed to interfere when the subject is suicide, showing how the social construction of religious beliefs interfere with the visions and meaning given to the suicidal act.

**Keywords:** Psychology, Religion, Suicide.

## INTRODUÇÃO

O suicídio permanece sendo um tabu na nossa sociedade, pois além de ser um assunto que levanta muitas discussões sociais, acaba ferindo crenças religiosas. Devido essa ideia nasceu o interesse de realizar a presente pesquisa.

Eliade (1992) compilou “que as manifestações religiosas se expressam nas relações individuais e coletivas, dos conceitos mais tradicionais que colocam a religião como sagrado, como também o que a religião denomina de profano (pecado).” Afirmando, que as manifestações sagradas se tornam parte social e constroem valores que são elementos determinantes de uma cultura.

Diante disso, sabe-se que a prática do auto assassinato é condenada pelas religiões como um ato profano, compreendendo dessa forma que o suicídio na sociedade é designado como um pecado, ou crime. Indaga-se: até que ponto se deixa que as crenças religiosas interfiram quando o assunto é suicídio?

Partindo dessa premissa, percebe-se uma necessidade de avaliar os efeitos religiosos voltados aos potenciais suicidas. Sendo descritos de forma breve diferentes pensamentos sobre o suicídio ao decorrer dos anos, pontuando como a religião e cultura se desenvolvem juntas, o que torna difícil a separação religiosa de valores culturais, como à valorização da vida. Mostrando que a religião tem influência sobre conceitos culturais como o ato suicida, e por fim se apresenta alguns vieses religiosos acerca do tema.

Realizou-se essa pesquisa de campo com o método quantitativo, utilizando a análise de conteúdo de Bardin (1977), que teve como base os resultados do questionário online. O público participante foram alunos do curso

de psicologia da Universidade Tiradentes, pois segundo Martins (2003), por ser uma profissão que lida com a vida, dor, morte de terceiros, acaba exigindo muito desses profissionais que ainda precisam lidar com cobranças e problemas de suas próprias vidas.

O objetivo geral da pesquisa é identificar os motivos que levam os indivíduos, com potencial suicida, a não buscarem ajuda.

Para tanto, foram delineados os seguintes objetivos específicos: identificar se as crenças religiosas auxiliam na prevenção do ato suicida, e se as pessoas que tentaram suicídio sofreram algum tipo de julgamento quando buscaram ajuda.

Ao final, conclui-se que os objetivos da pesquisa foram atendidos, compreendendo que a religião não auxilia os indivíduos com potencial suicida a buscar ajuda, indicando que crenças religiosas, como valores, desencadeiam atitudes de julgamento.

## **2 METODOLOGIA**

O presente estudo foi realizado com alunos do curso de psicologia da área de ciências humanas, da Universidade Tiradentes, localizada na cidade de Aracaju-SE. O curso possui em média 800 alunos, dos quais 100 participaram, foi realizada a aplicação de um questionário online na plataforma Google Docs, composto por 11 questões, dentre elas objetivas e subjetivas, onde ficaram disponíveis no período de quatro dias, sendo enviado ao público mediante a o Magister, sistema da Universidade Tiradentes utilizado entre outras funções, para a comunicação com os alunos.

A pesquisa foi submetida à Plataforma Brasil, tendo também como requisito a necessidade do consentimento dos voluntários antes de iniciar o questionário online, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), um termo onde os voluntários concordaram em participar de forma anônima da pesquisa. Sendo colocado à disposição destes suportes psicológico, para os que tivessem interesse, para que isso fosse possível foi disponibilizando e-mail e telefones de pontos de acolhimento.

Foi utilizado o método quantitativo, e foi realizada uma análise a partir das respostas do questionário online, utilizando a Análise de Conteúdo (Bardin,

1977). Para Farago e Fofonca (2012), a obra de Laurence Bardin possui uma ancoragem consistente no rigor metodológico, com uma organização propícia à compreensão aprofundada do método e, ao mesmo tempo, traz aos pesquisadores um caminho multifacetado que caracteriza a Análise de Conteúdo como um método que, historicamente e cotidianamente, produz sentidos e significados na diversidade de amostragem presentes no mundo acadêmico.

O questionário foi respondido por todos aqueles que tiveram interesse, sendo excluído das análises de dados todos aqueles que não se encaixavam no perfil, dos 100 participantes somente 23 pertencia ao grupo suicida.

### **3 HISTÓRICO DO SUICÍDIO**

#### **3.1 Suicídio e fatores do pensamento suicida**

Nesse momento será apresentado de forma breve um conceito acerca do suicídio, e possíveis estímulos que levam o indivíduo a ter pensamentos suicidas, possibilitando uma possível compreensão de que forma se apresenta o funcionamento do organismo, e do pensamento do potencial suicida.

O termo suicídio poderia parecer à primeira vista, um termo originado do latim clássico, e, portanto, criado na antiguidade, mas este não é o caso. Nem no grego nem no latim clássico, pode ser encontrado algum termo para designar o ato de tirar sua própria vida com uma conotação tão negativa quanto o termo suicídio possui, por causa de seu estreito parentesco semântico com o termo homicídio (PUENTE, 2008).

Suicídio é um ato intencional de matar a si mesmo, uma das suas motivações são os transtornos psicológicos ou não, que podem incluir depressão, transtorno bipolar, esquizofrenia, alcoolismo, abuso de drogas, dificuldades financeiras e emocionais. O suicídio é complexo, com diversos fatores contribuindo para a predisposição. A palavra "suicídio" é conhecida desde o século XVI (BOTEGA, 2006).

Schopenhauer assegura no início do seu ensaio sobre o suicídio que são apenas os adeptos das religiões monoteístas, isso é, semíticas, que consideram o suicídio como um crime, o que é de se admirar, segundo ele,

pois nem no Velho nem no Novo Testamento há alguma proibição, tampouco uma resoluto desaprovação do mesmo, podendo-se inferir que considerar o suicídio como crime com base na Bíblia é algo sem fundamento. Ele vai ainda mais longe e afirma que cada qual, tem indiscutivelmente direito à sua própria pessoa e vida, e por isso, não tem sentido dizer que o suicídio é injusto (SCHOPENHAUER apud BARBOZA, 2002)

No livro “O mundo como vontade e representação”, um dos principais trabalhos de Schopenhauer, tem como conceito de vontade noções presentes na vivência humana, entre elas o sofrimento, maldade, egoísmo. A compreensão schopenhaueriana é de que a essência do mundo é à vontade, pois dela nenhum ser escapa, sendo caracterizada por uma sede incessante que determina o homem. Através de exemplos citados no livro, Schopenhauer aborda que o suicídio não é imoral, e enxerga como um direito, tirar a própria vida. Em uma expressão ele compara que quando há no sujeito um grande sofrimento, terminar a própria vida é como acordar do sono quando se enfrenta um pesadelo horrível. Para o autor, as maiorias dos suicídios eram vistos como um ato da Vontade, ocorrendo quando uma pessoa nega as dores da vida, e é, portanto, diferente da renúncia da Vontade, que nega os prazeres da vida. Sendo assim, o suicídio para esse filósofo, é uma afirmação da vontade de viver. Quando um homem destrói sua existência como indivíduo, ele mostra que gostaria de viver se pudesse assim fazer com satisfação, no entanto as circunstâncias são muito fortes para ele (SCHOPENHAUER apud BARBOZA, 2005).

Na segunda teoria de Freud, nomeada de Além do Princípio do Prazer, ele propôs a pulsão de morte, que seria voltada à diminuição da excitação, entendida por Freud, como uma disposição do indivíduo que o levaria a eliminar estímulos do organismo, tendo essa pulsão como intenção a descarga não permanecendo na base do organismo o desejo pela mudança, assim sendo destinado a buscar sempre estados anteriores. O fato é que o organismo estaria apenas a buscar um objetivo antigo, por novos caminhos, isto é, por conta da pressão de forças perturbadoras do ambiente externo, o organismo precisaria fazer um desvio da função conservadora para conquistar a meta final de conservação de estados antigos. Compreendendo que as pulsões de morte



buscariam a paz, ou seja, a ausência de estimulação no organismo (FREUD apud HANNS, 2006).

Freud sugere que os impulsos de morte, tendem a reenviar o ser vivo para uma viagem no interior de si, configurando-se em pulsão de agressão ou de autodestruição, "o objetivo de toda vida é a morte" (FREUD apud HANNS, 2004).

### **3.2 O desenvolvimento da religião e cultura**

Será apresentado um ponto de vista sobre a origem da religião, e sua influência no desenvolvimento da cultura, e vice-versa, e de que forma os indivíduos do grupo são afetados por essas crenças e valores.

Freud faz uma comparação entre a neurose obsessiva e a religião. Colocando a religião como neurose mostrando que suas práticas têm, em alguns casos, características semelhantes, atos obsessivos, como por exemplo, rituais, sentimento de culpa e rigor moral excessivo. Dentre outras coisas, tanto a origem da religião quanto a origem da neurose estão ligadas ao complexo de Édipo – uma experiência universal da criança na sua relação com o par parental. A origem da religião é discutida por Freud em “Totem e Tabu” (1913) quando ele trata, especificamente, da questão do totemismo. Em época primitiva as tribos eram divididas em diversos clãs tendo cada um deles o seu próprio totem. Termo que se refere ao mito científico do pai, que seria um chefe tribal, esse detinha poder absoluto sobre todos. Os filhos, tomados de inveja, matam o pai esperando com tal ato terem acesso às mulheres, até então de exclusividade do chefe tribal. Logo após o crime são arrastados por um sentimento de culpa decorrente de uma ambivalência afetiva amor e ódio. Tomados de remorso se conscientizam de que ninguém poderia ocupar o lugar do pai, caso contrário o crime poderia repetir-se de forma interminável, em um pacto, erguem um totem como objeto sagrado e de adoração simbolizando o pai morto – assim com outros pactos e regras, estava instituída a religião. Logo, como a crença na existência de Deus deve-se a sua não existência: o pai morto que foi substituído e feito objeto de adoração. A religião, então, é decorrente do sentimento de culpa de uma ambivalência afetiva, também revivida. A relação do indivíduo com o pai sempre foi uma relação permeada

pelo duplo sentimento de amor e ódio vivenciados no complexo de Édipo. Entendendo que a relação do indivíduo com Deus é continuação dessa ambivalência (complexo de Édipo) (FREUD, 1913).

Freud em “Uma neurose demoníaca do século XVII” (1922), traz que Deus, é a representação do pai amoroso ao qual o indivíduo deposita o seu amor e submissão. E que o Demônio, representaria o pai odiado e temido a quem o indivíduo coloca sua agressividade e rejeição. Sendo assim o demônio é a projeção dos desejos de impulsos que foram reprimidos sendo considerados pecados (FREUD, 1922)

No Deus mal há uma pulsão de morte, que é uma ação de destruição. Que o ser humano traz em si, sendo esta uma ameaça à integração da sociedade. A civilização tenta então, por meio da religião criar mecanismos para colocar limites a esta agressividade, com o objetivo de não ser ela destruída. Sendo assim criados os mandamentos “Não matarás”, “Amarás ao próximo como a ti mesmo” e outros imperativos. Freud, considerava a religião, com suas leis e castigo divino, a única motivação para cada indivíduo não atentar contra si, e nem ao seu semelhante. Trazendo que se a humanidade chegasse à conclusão de que Deus não existe, provavelmente, cada indivíduo iria passar a seguir seus próprios impulsos antissociais e egoístas. A consequência poderia ser o caos e o extermínio da espécie humana (FREUD,1922).

Nietzsche, em sua obra “Além do bem e do Mal”, afirma que o Cristianismo gerou conformismo e mediocridade, tirando o foco da vida e o colocando no além. O ponto de vista da religião, particularmente do Cristianismo, por Nietzsche, é negativo, pois assim como muitos autores de sua época só conseguia ver através do que lhe era apresentado. Mas o que os autores percebiam era uma religião que subjugava o outro para torná-lo fraco, podendo assim ter domínio sobre toda uma civilização (NIETZSCHE apud DUARTE; DUARTE, 2015).

A desobediência a Deus chamava-se pecado, o que se tornou indispensável para o poder sacerdotal se manter. Nesta perspectiva, os pecados eram, então, instrumentos de poder que mantinham o povo em obediência. O que era inaceitável para Nietzsche é que o povo correspondia a

Deus sob a pressão do medo de pecar. Dessa forma, parece ser excluída a vontade, que se anulava e se alienava de si mesmo, obedecendo seriam recompensados, mas as desobediências os levariam ao castigo (NIETZSCHE apud DUARTE; DUARTE, 2015).

A religiosidade é a revelação do sagrado que é a presença de uma força sobrenatural em que o poder é representado por algum meio que simbolize essa força, confortando as mais diferentes situações que possam acontecer no dia a dia. Esse sagrado envolve os indivíduos criando vínculos com o eterno, envolvendo todo o grupo, que assumem essas manifestações, que se tornam parte social e constroem valores, que são elementos determinantes de uma cultura (ELIADE, 1992).

Os valores culturais vão determinar quais objetos, ritos e sinais se apresentarão como sagrados. Estabelece que “é indispensável reconhecer que os conceitos religiosos se desenvolvem a partir da cultura e que a comunhão de fé é definida pelo que envolve o todo de uma sociedade”. Sendo as decisões assim ou não assim, dependendo também da crença de cada grupo social. Se a religião está ligada a uma cultura, ela é importante para determiná-la. “Um deus é a personificação de um poder motivador ou de um sistema de valores que funciona para a vida humana e para o universo”, por isso, definidor dos valores que aquela sociedade vai adotar (BERNARDI; CASTILHO, 2016).

O sagrado se manifesta no indivíduo servindo de força para ajudar a superar as dificuldades, ou para indicar uma direção a se seguir. Essas manifestações religiosas se expressam nas relações individuais e coletivas. Desde os conceitos mais tradicionais que colocam a religião como sagrado, como o que a religião vincula como profano (pecado) (ELIADE, 1992).

Sanches (2010) fala que é preciso ter um bom conhecimento de cultura para se entender a religiosidade de diversos grupos, e que a cultura também é importante para desenvolver os valores religiosos, que também influenciam na cultura. Sendo assim não é necessária uma religião oficial para despertar o religioso que está dentro de todos (SANCHES apud BERNARDI; CASTILHO, 2016).

### 3.3 As diferentes apresentações das religiões sobre o suicídio

Embora cada religião tenha uma perspectiva diferente acerca de diversos assuntos, há vários pontos em comum no que diz respeito à forma que cada religião se posiciona sobre o suicídio, partindo da premissa de que o ato de tirar a própria vida é visto como pecado contra um ser maior que proporciona a mesma, e por isso é um ato condenado e passível de julgamentos por parte de grupos religiosos.

Segundo o Catolicismo, o suicídio contradiz a inclinação natural do ser humano em se preservar e perpetuar. Ele se coloca gravemente em oposição ao amor próprio, ofendendo também o amor ao próximo, e o amor por Deus. A condenação ao Inferno sempre correu em paralelo com a condenação do suicídio em diversas religiões cristãs, atualmente em uma versão moderna do catecismo da Igreja pode se ler: “Não se deve temer pela punição eterna das pessoas que tiraram suas próprias vidas. Por meios apenas conhecidos por Ele, Deus pode conceder oportunidade de arrependimento. A Igreja ora pelas pessoas que tiraram suas próprias vidas” (VATICAN, 1993).

Religiões de origem protestante condenam o suicídio. É interessante ir à origem dos movimentos protestantes e de lá extrair uma perspectiva mais moderna sobre o suicídio. Assim, para a Igreja Luterana: “Certamente, não se tem o desejo de condenar ninguém que opte pela autodestruição. É impossível descer a níveis tão baixos, em que muitos cristãos chegam, e irresponsavelmente cometem tais atos. Talvez o Senhor não os julgue responsáveis, mas não se sabe.” (RODRIGUES, 2016).

Pela lei Judaica o suicídio é proibido, o judaísmo tradicionalmente o vê como um pecado. Entretanto, não há referências explícitas no Talmude sobre a fundamentação é, portanto, de princípios e base em interpretações do texto bíblico. Estudiosos e autoridades no Judaísmo, podem suspender a proibição do suicídio em determinadas circunstâncias (RODRIGUES, 2016).

Na crença espírita, o suicídio deve ser evitado a todo custo por causa das consequências que são positivamente estudadas por meio de comunicações mediúnicas. Tratando-se apenas de uma extensão do sofrimento após a morte. Referindo que o ato pode também não valer a pena,

se o suicida não tiver competência suficiente para se matar, resultando sequelas e piora da situação, caso não consigam se livrar completamente de suas vidas (XAVIER, 2014).

Na Umbanda, o ato suicida é totalmente condenado, pois a Umbanda, juntamente com seus Orixás, Entidades de Luz e protetores, pregam intensamente e incansavelmente que a vida é a benção maior que Deus concedeu a seus filhos, e isso não é apenas por estar vivo, mas sim por saber se utilizar dessa benção para a evolução espiritual para chegar junto aos braços do Pai maior. O suicídio então é um crime grandioso aos olhos de Deus e desta religião o ato torna o espírito perdido, falido nos compromissos que tinha para com as leis sábias, e se vê obrigado a repetir a experiência na terra, tomando um novo corpo, uma vez que destruiu aquele que lhe pertencia. Sendo assim, o espírito do suicida voltará a novo corpo terreno em condições muito penosas de sofrimento, resultante do seu ato (OGUM, 2016).

O budismo não vê a morte como o fim da vida, mas como simplesmente uma transição onde o suicídio não é, portanto, um escape. Mas é importante observar que a aceitação de Buda aos suicidas não se baseia no fato de eles estarem em estado terminal, mas porque estavam com as mentes livres de egoísmo e de desejos e iluminadas no momento da morte. O budismo reconhece o direito dos indivíduos determinarem quando devem passar dessa existência para a seguinte. O importante nesta religião, não é se o corpo vive ou morre, mas se a mente pode permanecer em paz e em harmonia consigo mesma (ABE; GUERRA, 2006).

No Candomblé a experiência do suicídio ainda é bastante marginalizada. Isso contrasta com a forte presença do tema no quadro mitológico e litúrgico dessa religião, destacando-se na figura dos Abikus e em alguns itans, como por exemplo, dois deles relacionados ao orixá Xangô em duas qualidades distintas, reconhecido em um como Obà Kossô e no outro como Obá Baru ou Irú (rei sepultado):

Quando Xangô foi rejeitado por seus súditos, ele se retirou para a floresta e numa árvore se enforcou.

"Oba so!"

"O rei se enforcou!", correu a notícia.

Mas ninguém encontrou seu corpo e foi dito que Xangô tinha sido transformado num orixá e seus sacerdotes proclamaram:

"Oba ko so!"

"O rei não se enforcou!" Desde então, quando troa o trovão e o relâmpago risca o céu, os sacerdotes de Xangô entoam: "O rei não se enforcou!"

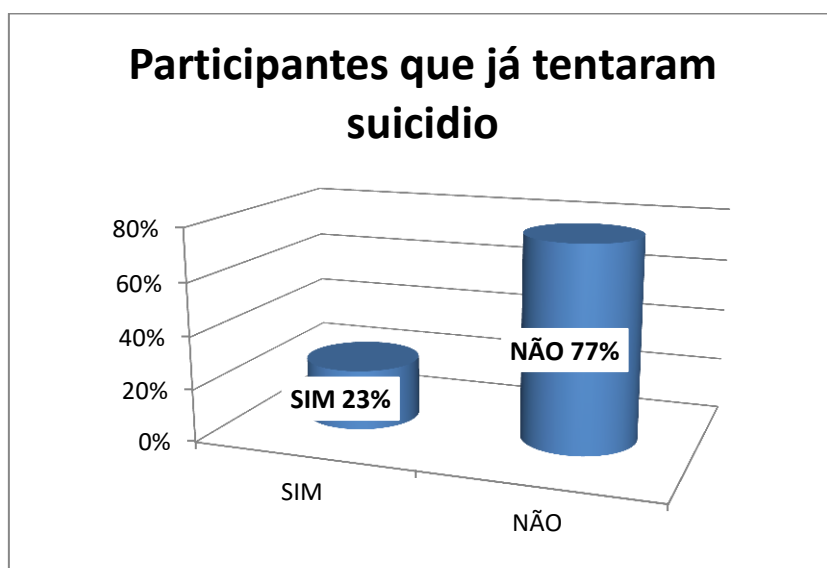
"Oba ko so! Obá Kossô!" "O rei não se enforcou" (PRANDI, 2001, p.279)

Subtende-se no candomblé uma visão do suicídio como uma morte desonrosa, fruto de uma renúncia à vida e acovardamento diante do adoecimento e dos infortúnios. A afirmação da vida como valor e da saúde como um mote de luta é bastante marcante no candomblé, ao tempo em que essa religião em toda a sua ritualística busca justamente a apreensão e circulação do Axé, a energia vital que se deve simultaneamente acumular e compartilhar (VALENÇA; FONSECA, 2009).

#### 4 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA E RESULTADOS

A pesquisa foi realizada por meio de um questionário online que foi enviado ao público mediante a plataforma Google Docs, e teve a participação de 100 alunos do curso de psicologia da Universidade Tiradentes, obtendo 23 dos participantes pertencentes ao grupo alvo da pesquisa, que são indivíduos com potencial suicida.

**Gráfico1: Referente ao grupo alvo da pesquisa.**



### PERGUNTA 1- Qual sua idade?

Dos 23 pesquisados, dezenove têm idade entre 16 a 25 anos, dois de 25 a 35, e apenas um 35 ou mais.

### PERGUNTA 2- Qual seu sexo?

Seis correspondem a indivíduos do sexo masculino e dezessete do feminino.

### PERGUNTA 3- Possui religião? Se sim, qual sua religião?

Dos indivíduos que tentaram suicídio 10 não possuem religião, 6 pertencem a religião Cristã, 3 se apresentam como Ateu e 2 como Agnóstico, 1 Evangélico e também somente 1 Espirita.

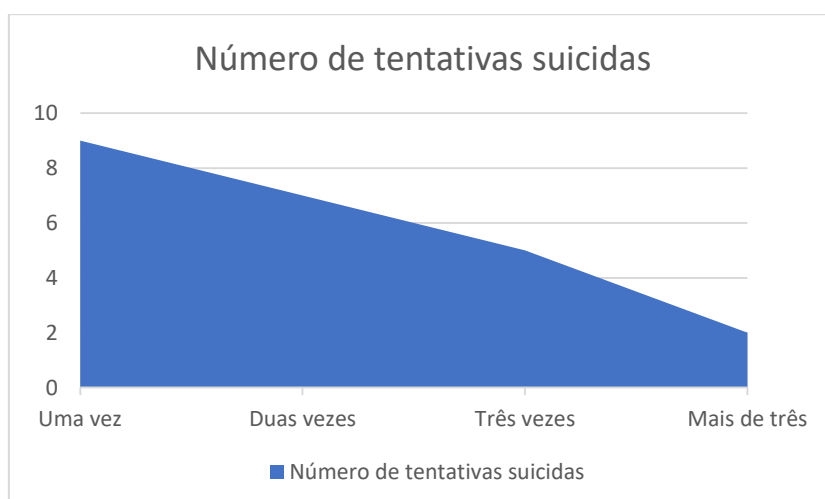
### PERGUNTA 4- Qual religião é predominante em seu núcleo familiar?

A religião Católica é predominante no núcleo familiar de 17 indivíduos com potencial suicida, 2 tem a protestante como predominante, 1 a religião evangélica, outros 2 a espirita e mais 1 a Umbanda.

### PERGUNTA 5- Já tentou suicídio? Se sua resposta foi sim, quantas vezes?

Dos 23 indivíduos que praticaram o ato suicida, 9 tentaram uma vez, 7 duas, outros 5 tentaram três vezes, e apenas 2 tentaram mais de três.

**Gráfico 1: Relacionado ao número de tentativas.**



**PERGUNTA 6- O que lhe impede, ou impediu de cometer suicídio?**

Das respostas obtidas pelo grupo, três apresentaram a fraqueza em concretizar o ato, quatro falaram que as crenças em uma força divina serviram de impedimento, oito indivíduos falam no sofrimento que iria causar nas pessoas que amam. Dois dizem que acabam se arrependendo por não saber se é o que realmente quer. Cinco não concretizam o ato por medo de sentir muita dor e apenas um não sabe explicar afirmando “nada”.

**PERGUNTA 7- De que forma a sua religião ou a dos seus familiares, interfere ou contribuem para que você busque ajuda para uma ideia suicida?**

Onze indivíduos acreditam que há interferência na busca por ajuda, alguns exemplos das justificativas: “Interferem na questão de o suicídio ser considerado pecado”, “Segundo eles é só rezar que "deus" tira o cão de perto, mas está apenas em oração não tem sido suficiente para sentir de fato vontade de viver, principalmente diante de coisas ruins que sempre acontecem” (Sic). Sete acreditam que a religião tem contribuindo a partir da perspectiva que existe um Deus olhando, dando esperança de um amanhã melhor, outro relata a questão da punição como contribuição: “Talvez o medo de que existe um inferno, me aguardando no caso de eu realmente conseguir” (Sic). E cinco responderam “nenhuma”, não especificando se não contribui, ou se não interfere na busca por ajuda.

**PERGUNTA 8- Você tem medo de morrer? Responda sim ou não, e explique.**

Um dado interessante é que 9 dos suicidas tem medo da morte, trazendo como explicação o medo da dor, da forma de morrer, de deixar as pessoas que amam, e que a vida é uma só. As outras 14 não possuem medo, e mostram o pensamento de que a morte é algo certo, que ao nascer caminhamos em direção a ela. Outros falam também que não tem nada a perder, justificando assim a falta desse medo de morrer.



**PERGUNTA 9- Você já sofreu algum tipo de julgamento por ter ideias suicidas?**

Treze indivíduos responderam que não sofreram nenhum tipo de julgamento, dez dizem já ter sofrido. Alguns dos julgamentos compartilhados pelos potenciais suicidas foram, em sua maioria relacionada à religião, com comentários como: “isso é falta de Deus”, “falta de oração”, “pessoas religiosas julgando, sem se preocupar com a dor do próximo” (Sic). Outros ainda dizem ser julgados como covardes por não enfrentarem os problemas, e chamados de fracos. Há relatos onde eles dizem que o outro, considerou seus problemas besteira, alguns abordam sobre a valorização da vida, um deles diz que: “a cultura ocidental idealiza a vida, e se você assim não faz, logo é visto como um estranho” (Sic), tendo ainda um relato de homofobia.

**PERGUNTA 10- Você acredita que a decisão de tirar a vida diz respeito apenas a você?**

Dentre eles, 9 acreditam que a decisão de tirar a própria vida diz respeito apenas a si mesmo, e 14 acreditam que a decisão de tirar a própria vida não é algo exclusiva ao indivíduo, mas também aqueles que fazem parte do seu convívio social.

**PERGUNTA 11- Qual seria seu medo de se expor sobre suas ideias suicidas?**

Oito indivíduos que tentaram suicídio possuem o medo do julgamento ao expor suas ideias suicidas. Cinco responderam que não possuem nenhum tipo de medo.

Quatro apresentam o medo de ser incompreendido ao expor seus pensamentos, dois falam do medo das críticas, e superproteção que podem vir a sofrer. Um teme o sentimento de pena que os outros possam vir a ter por ele. Dois mostram que temem ao expor suas ideias, pois acreditam que os outros vão achar que são fracassados, ou acabar machucando os que amam, e um descreve o medo de ser impedido, por não querer ajuda.

## 5 DISCUSSÃO

Durante as análises das questões 6, 7, 8, 9, 11 foi possível constatar que a religião não auxilia na busca por ajuda, por conta de o suicídio ser um ato condenado como pecado, o que leva ao medo de ser incompreendido e julgado. Como norma geral, as religiões destacam a interrupção espontânea da vida como algo profano, considerando a vida como um sagrado dom de Deus do qual somente ele tem o direito de intervir. As religiões apenas possuem algumas pequenas modificações nas suas perspectivas sobre o suicídio, como por exemplo: O Budismo, que mesmo não cogitando a existência do ser superior “Deus”, assume também uma posição, mesmo que menos enfática, de reprovação ao ato suicida (MELEIRO, A. M. A. S.; TENG, C. T.; WANG, Y. P. 2004).

A partir da análise das respostas das questões “6- O que lhe impede, ou impediu de cometer suicídio?” foi identificado que as crenças religiosas não contribuem no auxílio da prevenção do ato suicida. Dos 23 indivíduos que tentaram suicídio apenas 4, informaram que a crença religiosa os impediu de concretizar o ato, citando a vida como um presente divino de Deus, relatando que quem a nega pode ser punido prestando contas no inferno; esta afirmação fica clara em uma das amostras coletadas com a seguinte fala: “Talvez o medo de que existe um inferno, me aguardando no caso de eu realmente conseguir” (sic). Os demais pesquisados apresentam outros contribuintes para evitar o ato, e nenhum deles traz consigo a crença religiosa como um motivo de impedimento.

Freud (1913) acabou considerando que a religião através de seus mandamentos e ameaças de castigo divino, seria motivação para cada indivíduo não atentar contra si, e não matar seu semelhante. Destacando que essa influência positiva, só seria possível naqueles que acreditam e a forma com qual acreditam nesse ser superior.

Duas perguntas específicas no questionário contribuíram para responder a última pergunta dos objetivos específicos relacionada ao possível julgamento sofrido pelos potenciais suicidas, são elas; “9- Você já sofreu algum tipo de julgamento por ter ideias suicidas? Se você já sofreu algum tipo de

juízo, fale um pouco dos motivos”, e “11-Qual seria o seu medo de expor suas ideias suicidas?”.

Mediante a análise dessas questões ficou claro que os suicidas são julgados por não valorizarem a vida, o que para um grupo religioso é considerado algo absurdo, inaceitável, pois segundo as crenças religiosas que são seguidas por estes, a vida é uma dádiva de Deus, cujo não deve ser questionada, e sim valorizada e glorificada independente de qualquer situação, por que viver é um presente divino. Dessa forma acaba se por desconsiderando que os potenciais suicidas se encontram em sofrimento psicológico, o que possa incapacitá-los de enxergar a vida como um dom, um presente bom (no momento). Vale ressaltar ainda, sobre o juízo, que situações de conflito, ou de qualquer dificuldade que seja, são consideradas por alguns grupos religiosos como “provação”, justificando que Deus nunca dá um fardo mais pesado do que se pode suportar, e que todas as dificuldades vividas trazem depois da superação algo maior e melhor, de recompensa para aqueles que aguentaram firme.

Segundo Freud (1930) a civilização cria através da religião mecanismos para colocar limites à agressividade pertencente ao indivíduo, com o objetivo de não ser ela destruída. Onde é dito “Não matarás”, “Amarás ao próximo como a ti mesmo” e outros imperativos utilizados, como a valorização da vida e amor ao próximo, que ajuda na possível ordem social, reprimindo assim o impulso do indivíduo. Dessa forma podemos constatar que a sociedade pelo aprendizado religioso pode vir a julgar o indivíduo com ideia suicida, tendendo a não compreender suas escolhas, provocando constrangimento na hora da busca por ajuda, assim eliciando mais uma angústia por possuir estes pensamentos.

Bernardi e Castilho (2006), citam que cultura e religião se desenvolvem juntas, uma influenciando no desenvolvimento da outra, e os valores culturais vão determinar quais objetos, ritos e sinais que se apresentarão como sagrados. As decisões são assim ou não são assim, dependendo também da crença de cada grupo social. Se a religião está ligada a uma cultura, ela é importante para determinar valores do grupo. Entende-se assim que um grupo social está influenciado em suas perspectivas frente à vida.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A religião influencia nos valores culturais, de forma que há dificuldade de distingui-lo dos valores religiosos, já que ambas se desenvolvem juntas, entendendo assim que há dificuldade dos grupos se absterem da influência religiosa, que propõe o suicídio como um ato pecaminoso, ou criminoso, captado pela cultura ao longo dos anos, conseguindo alcançar até mesmo grupos que não seguem dogmas, através da cultura de valorização à vida. Percebendo então, que quando se trata de suicídio, a perspectiva é influenciada por crenças religiosas, não sendo laica.

Expor ideias contrárias à valorização da vida coloca o indivíduo perante a religião como um pecador, não auxiliando que potenciais suicidas busquem por ajuda.

O medo do desconhecido, da dor, se fez mais eficaz para a não concretização do ato suicida, do que as crenças que a religião prega. Devido ser proposto que a vida é dom divino, considerado um presente de Deus, nenhum indivíduo possui o direito de decidir quando pôr um fim a ela, sendo assim os potenciais suicidas da pesquisa já passaram por algum tipo de julgamento através das crenças religiosas.

Encontrou-se dificuldade em atingir um maior número de participantes, o que limitou a amostra de dados. Recomenda-se uma continuidade dessa pesquisa, para uma amostra maior.

## REFERÊNCIAS

- ABE, A. T. M.; GUERRA, T. B. **Eutanásia: morte digna ou homicídio?**. ETIC- encontro de iniciação científica, Presidente prudente, v. 2, 2006. Disponível em: <<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/1126/1077>>. Acesso em: 08 nov. 2018.
- BOTEGA, N. J. **Prática psiquiátrica no hospital geral: interconsulta e emergência**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BERNADI, C. J. ; CASTILHO, M. A. D. **INTERAÇÕES**. Campo Grande, MS, v. 17, n. 4, p. 745-756, 2016.
- ELIADE, M. **O Sagrado e O Profano: a essência das religiões**. Edição: Martins Fontes, 1992, 1-191pg.
- FARAGO, C. C.; FOFONCA, E. **A ANÁLISE DE CONTEÚDO NA PERSPECTIVA DE BARDIN: do rigor metodológico à descoberta de um caminho de significações**. Linguagem, [S.L], v. 18, 201./201. undefined. Disponível em: <https://docplayer.com.br/426269-A-analisede-conteudo-na-perspectiva-de-bardin-do-rigor-metodologico-a-descoberta-de-um-caminho-designificacoes.html>>. Acesso em: 13 nov. 2018.
- FREUD, S. **Além do princípio de prazer**. In: Obras psicológicas de Sigmund Freud - Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (1915-1920). v. 2. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago. 2006
- \_\_\_\_\_, S. **Pulsões e destinos da pulsão**. In: Obras psicológicas de Sigmund Freud - Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (1915-1920). v. 2. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- \_\_\_\_\_, S. **O mal-estar na civilização** (1930). In: Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.21, p. 75-171.
- \_\_\_\_\_, S. **Uma neurose demoníaca do século XVII** (1922). In: Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.19, p. 87-127.
- \_\_\_\_\_, S. **Totem e Tabu** (1913). In: FREUD, Sigmund. Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, s.d., v. 13, p. 13-191.
- MARTINS, L.A.N. (2003). **Saúde mental dos profissionais de saúde**. Revista Brasileira de Medicina do Trabalho, 1(1),59-71.

MELEIRO, A. M. A. S.; Teng, C. T.; Wang, Y. P. (Eds.) **Suicídio: Estudos Fundamentais**. São Paulo, Segmento Farma, 2004. pp.: 53-60.

NIETZSCHE, F. W. **Além do Bem e do Mal**. Tradução de Anna Duarte e Carlos Duarte. São Paulo: Martin Claret. 1 ed. 2015.

\_\_\_\_\_, F. W. **O Anticristo**. Tradução de Anna Duarte e Carlos Duarte. São Paulo: Martin Claret. 2 ed. 2015.

OGUM, C. D. **Luz de umbanda: suicídio na visão da umbanda** (2016). Disponível em: <<http://umbandayorima.blogspot.com/2016/09/suicidio-na-visao-da-umbanda.html>>. Acesso em: 06 nov. 2018

PUENTE, F. R. **Os filósofos e o suicídio: A genealogia do termo "suicídio"**. 1 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. Pg 10, 13.

PRANDI, R. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Pg 279.

RODRIGUES, J. O. **Onipresente, onisciente... e só...** 1 ed. São Paulo: Editora Biblioteca24horas, Seven System International Ltda., 2016.

SCHOPENHAUER, A. **Aforismos Para a Sabedoria de Vida**. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_, A. **O mundo como vontade e como representação - Tomo I**. (Português). Tradução de Jair Barboza. Editora Unesp; Edição: 2, 2005.

VALENÇA, J. ; FONSECA, A. B. C. **Axexê - da morte para a vida: vivências político-sociais de um terreiro de candomblé na busca pela saúde** (2009). In: MANDARINO, A. C. S.; GOMBERG, E. **Leituras Afro-Brasileiras: territórios, religiosidades e saúdes**. Salvador: Editora da UFS; EDUFBA, 2009, p. 189-204.

VATICAN. **Catechism of the catholic church** (1993). Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/ccc\\_css/archive/catechism/p3s2c2a5.htm](http://www.vatican.va/archive/ccc_css/archive/catechism/p3s2c2a5.htm)>. Acesso em: 06 nov. 2018.

XAVIER, A. **Na era do espírito: textos selecionados I**. 1 ed. Campinas: Clube dos autores, 2014.